

# Wadi Abu Jamil

A cartografia afetiva do antigo quarteirão judaico de Beirute



– WADI ABU JAMIL –  
*A CARTOGRAFIA AFETIVA DO ANTIGO  
QUARTEIRÃO JUDAICO DE BEIRUTE*

Trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e  
Urbanismo na Universidade Federal Fluminense

Feito por João Luis Koifman sob orientação da  
professora Thereza Christina Couto Carvalho e  
supervisão da professora Andrea da Rosa Sampaio

Niterói, 17 de Setembro de 2021



*"Depois volte para me dizer se meu sonho corresponde a realidade"*

*- Italo Calvino, Cidades Invisíveis*

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

06

MOTIVAÇÕES

08

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

13

METODOLOGIA

14

CONTEXTO HISTÓRICO

25

REFLEXÕES

30

CONSIDERAÇÕES FINAIS

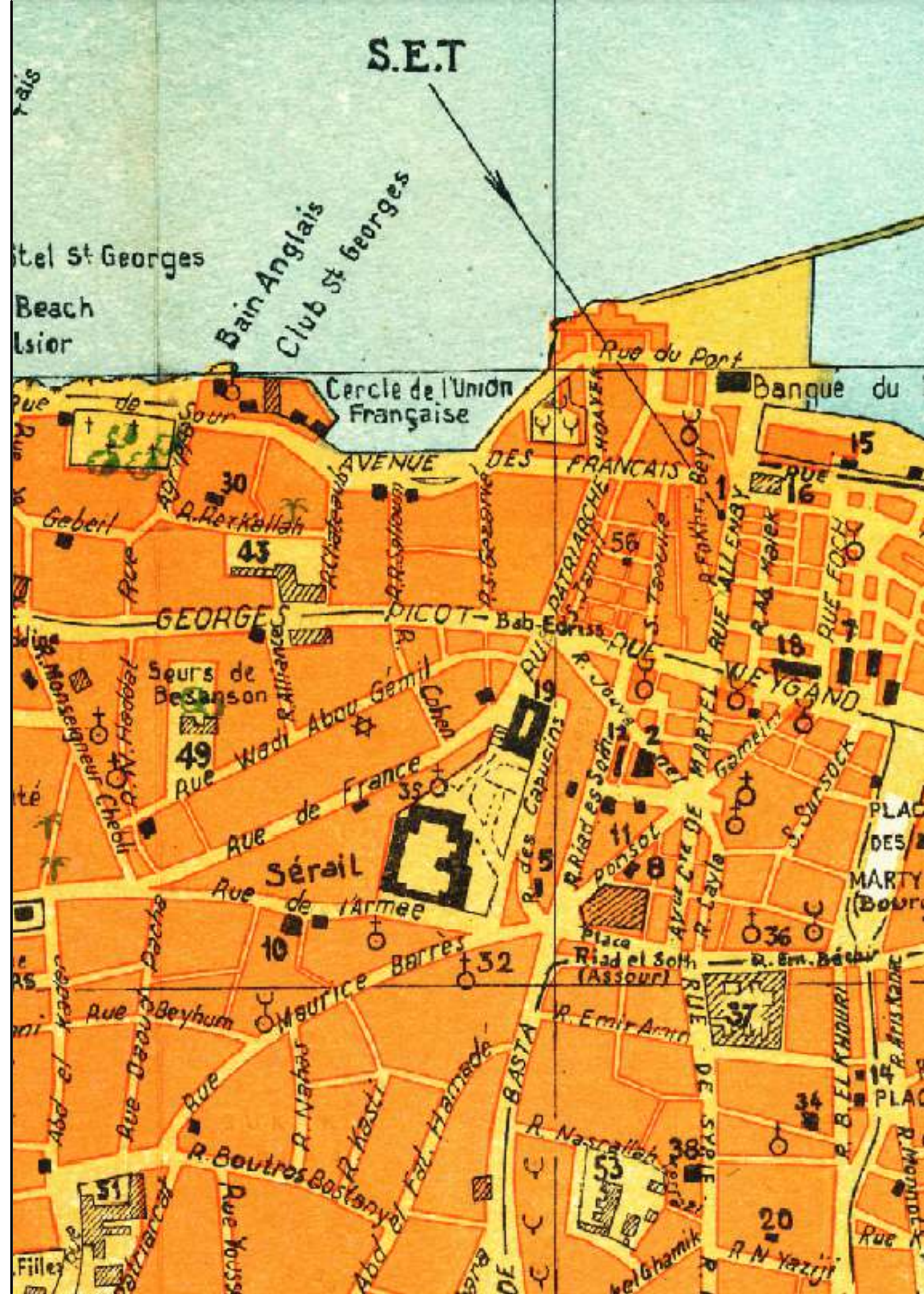
41

BIBLIOGRAFIA

48

ÍNDICE DE IMAGENS

53



# AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não existiria e não tomaria forma sem a dedicada orientação da Prof. Thereza Christina Couto Carvalho, que não só entendeu meus desejos como direcionou e conduziu o meu percurso para esse resultado final. Sem ela, minhas ideias e meu desejo de resgate dessas memórias não seriam realizados.

Agradeço a minha família por ter me dado força e ter me apoiado até aqui. Ao Jonas Mehl e Marcella Fernandes, que me deram força para seguir com o projeto. Ela não só apoiou desde o início, como colaborou constantemente com opiniões e ajudou na produção dos croquis apresentados nesse documento.

Fundamental destacar a disponibilidade e entusiasmo de todos os entrevistados, que viveram no quarteirão e que hoje moram em diferentes países e cidades, enriquecendo enormemente esse projeto. Foram conversas prazerosas com: Chela Haddid, Clement Belaciano, David Saadia, Felix Saboia, Henri Mann, Isaac Srour, Ishac Levi, Jacques Mann, José Srur, Liliane Kboudi, Marie Bari, Mirelle Man, Moise e Sherly Bekhor, Nissim Chrem, Salim Belaciano, Salim Najm Z"L, Salomão Heifaz, Soly Diwan, Soly Kohav e Soly Mann. Sou grato a Gabriel Barzilai, Gabrielle Elia, Isaac Mann e Marina Magalnic, que contribuíram com indicações, fotos, vídeos e documentos.

Gostaria também de agradecer a todos os colegas do curso, que de alguma maneira me ajudaram a finalizar esse ciclo. Sem eles o processo seria muito mais doloroso e cansativo.

E claro, todo meu interesse em pesquisar, estudar e analisar esse tema, não partiu do acaso. Sem minha avó, dificilmente escolheria esse assunto para me aprofundar. Devo gratidão em especial a ela, que compartilha comigo há anos suas lembranças de um outro tempo e lugar e que merece lugar especial nesse trabalho. Ela transformou o antigo quarteirão, em um lugar mágico e preservado também em minha memória.

De cima para baixo:

1. Documento do Tribunal Rabínico de Beirute, escrito em árabe, hebraico e francês.
2. Carteira de identidade de Henri El Mann.



(1) Pour les villes indiquer le quartier et la rue.

# MOTIVAÇÕES

Ouçoo histórias da vida judaica no Líbano desde que sou pequeno. Os relatos de como era a vida em um país com idioma, cultura e história diferente do Brasil, sempre me encantaram. Aos poucos fui percebendo que as memórias prazerosas da minha avó, de um outro tempo e lugar, não eram exclusivas dela, esse sentimento era comum aos conterrâneos dela. De uns tempos para cá procurei entender o motivo de tanta nostalgia por parte dos seus antigos moradores.

Pelo país ter sofrido com uma série de conflitos internos, principalmente uma devastadora guerra civil que durou quinze anos e destruiu boa parte da capital do país, e pela grande emigração judaica em virtude dessas e outras complicações, a memória ficou registrada em algumas fotos, poucos livros, mas principalmente viva dentro de cada antigo usuário do quarteirão. Com esse trabalho busquei compreender melhor, a partir da perspectiva da bibliografia escolhida e da orientação recebida, como se dava a relação dos indivíduos com o espaço construído, seja ele particular ou comunitário.

Apesar de terem emigrado há mais de meio século atrás, de alguns terem saído bem jovens e muitos nunca terem retornado ao local, a memória e a ambiência ainda são vivas no discurso. A descrição das ruas, edifícios e da vida comunitária ocorre com bastante precisão tendo em vista as adversidades mencionadas. A vivência relatada além de única e pessoal, é comunitária e complementar uma com a outra.

No início houve uma certa desconfiança dos motivos que me levaram, um estudante de arquitetura e urbanismo, a estudar e analisar a vida no antigo quarteirão judaico de Beirute, porém, aos poucos, fui conquistando a confiança de cada entrevistado que, por sua vez, me indicava outras pessoas para conversar. Certas vezes, quando ligava me apresentando e solicitando as entrevistas, ouvia como resposta: *“fala com o... ele vai te contar tudo sobre lá”*. Repetia sempre que os sentimentos e a experiência de cada um era única, ainda que haja uma memória coletiva e muitos traços em comum nas falas e do fato de serem entrevistas com indivíduos que viveram em Beirute em décadas diferentes. Praticamente todos me descreviam a vida em Wadi Abu Jamil como uma vida muito animada, bem relacionada com outras etnias e religiões.

Da esquerda para a direita, de cima para baixo, pinturas de:

1. Reem Bassous - Ocean Graveyard
2. Said Baalbaki - Wadi Abu Jmil.
3. Ayman Baalbaki - Wadi Abu Jmil.



Partindo desse interesse, busquei entrevistar moradores e frequentadores do antigo quarteirão judaico de Beirute, para entender como eles percebiam e lembram do espaço. Busquei me aprofundar em autores que trabalham a relação da memória e identidade da cidade, do espaço e do tempo.

O objetivo desse trabalho é analisar, do ponto de vista sensorial, e reviver as memórias de um quarteirão que foi totalmente arrasado. Por não existir mais judeus vivendo na região, em alguns anos não teremos mais pessoas vivas para relatar sobre a vivência, os sentimentos e as percepções do que foi a vida no local. Há poucos autores que escrevem sobre a história dos judeus no Líbano, ainda que hajam muitas notícias na internet pouco aprofundadas, e especificamente sobre a relação desses judeus com o espaço construído que habitavam e frequentavam, esse é o primeiro trabalho acadêmico encontrado. E com o objetivo de ilustrar esse patrimônio imaterial, foi levantado uma série de fotografias da vida local, apresentadas nesse projeto.

Apesar dos judeus libaneses que hoje vivem na diáspora terem passado por diversos conflitos e dificuldades, e as vezes até algum tipo de ameaça ou perseguição, as memórias de maneira geral são bem nostálgicas e positivas. Lembram com grande prazer de momentos que ocorreram há mais de 50, 60 ou até 70 anos como se tivessem vivido aquilo há pouco tempo. A relação com o espaço, com a comunidade e com a ambiência como um todo é quase sempre lembrada com carinho, assim como o sentimento de pertencimento ao local e ao povo.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo, pinturas de:

1. Said Baalbaki - Wadi Abu Jmil
2. Said Baalbaki - Wadi Abu Jmil
3. Zeina Chehab - Loja de Beirute



# CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Para compreender melhor este projeto, é importante entender o tamanho da complexidade que é o Oriente Médio. A região sempre foi uma área multicultural e plural, com identidades, religiões, etnias e nacionalidades diferentes habitando lado a lado. Muitas vezes em harmonia, mas com frequência em conflito, com perseguições a etnias, expulsões e muitas migrações. Passou por uma série de diferentes domínios e ocupações e hoje está dividida em países. Para compreender um país como o Líbano, é importante entender a dimensão de um pequeno território onde “todos são minorias” e que cada religião e etnia tem uma importância e um equilíbrio na estabilidade política e econômica do país. Os conflitos são históricos, com enormes danos e poucas soluções.

Para além disso, o fato de ser judeu implica em uma série de questões, sejam elas ligadas a condição de minoria étnica que os judeus viveram por centenas de anos e que ainda vivem com exceção dos que vivem em Israel, sendo sempre sensíveis a maioria e a soberania local, sejam pela associação forçada ou voluntária a causa sionista e suas consequências. São nesses contextos que os judeus libaneses viveram por anos.

Portão de entrada da sinagoga Maghen  
Abraham danificado em 2004.

# METODOLOGIA

O recorte temporal desse trabalho vai de 1945 até 1975. A razão da data de início se dá pelo simples fato da possibilidade de entrevistar pessoas, que ainda estão vivas e que nessa época já lembram do quarteirão. A data final é indicada pelo início da guerra civil libanesa, onde a população judaica deixou o bairro judaico em busca de segurança, sendo ocupado por outros grupos políticos durante a guerra. Os entrevistados são homens e mulheres nascidos nas décadas de 1930, 1940 e 1950, que saíram de Beirute a partir de 7 anos até 25 anos entre os anos de 1954 e 1975. As entrevistas se deram majoritariamente por plataformas virtuais e com pessoas que hoje moram no Brasil, mas também houveram entrevistas presenciais e internacionais. O contexto político da região variou conforme os anos, e também as percepções dos judeus libaneses sobre a vida no quarteirão judaico. Ainda que o sentimento de saudades seja bem similar, as descrições das percepções são distintas em diferentes épocas e situações. Alguns fatos nacionais e internacionais afetaram diretamente e indiretamente a vida judaica nessas décadas, como; Independência do Líbano em 1943, independência de Israel em 1948, crise do Líbano em 1958, Guerra dos Seis Dias em 1967 e por fim, a Guerra Civil Libanesa 1975-1990.

Através de bibliografia relacionada a grupos e pessoas que estudam a questão da ambiência, principalmente relacionando a memória com o espaço construído, foi possível conduzir e analisar as entrevistas. Autores como Jean-Paul Thibaud, Jean-François Augoyard, Cristiane Rose Duarte e Ethel Pinheiro me induziram a compreender e interpretar essas memórias afetivas, tornando elas analisáveis através de suas perspectivas.

Ítalo Calvino, em seu livro “Cidades Invisíveis”, diz que quem comanda a narração não é a voz, e sim o ouvido. Compartilhei desta ideia para escrever esse trabalho de conclusão de curso. Minha ambição não foi a de reprodução das memórias e da vida comunitária no quarteirão da maneira mais fiel ou histórica possível, meu interesse é o de apresentar as minhas interpretações sobre esses caminhos percorridos pela população judia de Beirute, tendo em vista que eu sou os “ouvidos” dessas narrações, e não a voz. Através das entrevistas, pelo pude escrever esse texto, selecionar as fotos, que no meu ponto de vista melhor ambientam esses espaços, e ilustrar o trabalho com croquis dessas atmosferas descritas.

Alguns dos entrevistados para este projeto.

1. Também conhecida como Guerra Civil Libanesa de 1958.





De cima para baixo:

1. Alunas na escola Alliance Israélite Universelle.
2. Palestra na sinagoga Maghen Abraham.

No mesmo livro de Calvino, ele diz: “*A cidade existe e possui um segredo muito simples: Só conhece partidas e não retornos*”. É possível interpretar essa passagem de pelo menos duas maneiras que intimamente estão interligadas, a literal e a da ambiência. A literal é clara, de que hoje não existe mais nem o quarteirão judaico em Beirute, nem judeus declarados<sup>2</sup>. A região foi toda arrasada, e os edifícios que sobreviveram a guerra, foram aos poucos sendo demolidos dando lugar a edifícios de luxo, descaracterizando o antigo entorno judaico, com exceção da sinagoga Maghen Abraham que foi restaurada e permanece fechada com acesso restrito nos dias de hoje<sup>3</sup>. A partida teve data marcada, o retorno a turismo aconteceu em alguns casos, mas não era um retorno ao mesmo lugar que havia sido deixado na partida, e aí que entra a ambiência. Sendo algo pessoal e intransferível, cada um se apropria de um jeito do espaço construído, dos cheiros, das memórias visuais e dos sons, porém num espaço que foi totalmente descaracterizado ao longos dos anos, essa diferença é agravada.

Para os entrevistados, mesmo os que não retornaram a Beirute ou que não acompanharam da diáspora a vida no local, é sabido que a vivência no local foi única, já que fez parte de todo um processo singular de construção da afetividade com o espaço, ou seja, ainda que voltassem anos após a partida, não encontrariam a mesma ambiência que deixaram. Na verdade, não só o que viveram lá, mas também o que construíram em suas memórias ao longo dos anos na diáspora, em contato com outros conterrâneos. A memória coletiva tem papel importante e é indissociável de memórias individuais.

Foi pedido para alguns dos entrevistados representarem a sua cartografia afetiva, ou seja, os caminhos percorridos pelas suas memórias, através do uso de mapas como diretriz. A essência da ideia estava na produção de mapas mentais, sem se “contaminar” com a precisão de cadastrais oficiais catalogadas em órgãos públicos. Esse processo é um percurso sinuoso, onde a nostalgia e a ambiência conduzem os fatos mais relevantes para cada pessoa. Não há exatidão e não seguem um roteiro existente, portanto não é possível identificar essa ambiência ou alguns dos fatores representados sendo registrado em outros mapas.

2. Acredita-se que ainda existam judeus no Líbano, porém, mantém escondidas sua fé e etnia.  
3. De acordo com jornais libaneses e comentários de pessoas que vivem na cidade.



De cima para baixo:

1. Amigos judeus em Beirute.
2. Rabinos na sinagoga Maghen Abraham no dia 14 de Junho de 1951.

Ambiência foi a palavra guia nas entrevistas, com ela busquei ouvir sobre a vida em Wadi Abu Jamil. Em “O Devir Ambiente do Mundo Urbano” (THIBAUD, 2012, p.32), o autor dá significado ao termo:

*“Em suma, trata-se de transformar não apenas um mundo de objetos e formas construídas, mas igualmente um mundo de ar e de atmosferas sensíveis. Compreende-se portanto que é todo um conjunto do universo sensorial que está em jogo aqui, não apenas o registro estrito da visão. (...) Pode-se dizer que uma ambiência é o que dá vida a um meio ambiente, o que lhe confere um valor afetivo.”*

Já Augoyard (2004) é mais objetivo dizendo que para em um local possuir ambiência ele tem que cumprir com quatro condições: Os sinais físicos podem ser identificados, isolados e analisados; Esses sinais tem que interagir com a percepção, emoção, ação e estarem representados social e culturalmente; O fenômeno deve compor um espaço construído; Todos os fatores citados devem poder ser expressos.

Em ambas definições, a ambiência de Wadi Abu Jamil é identificada. Os edifícios com sacadas em diferentes estilos arquitetônicos, as ruas e vilas e as instituições judaicas como as sinagogas, as escolas e o clube, representam com clareza o espaço construído que na região central de Beirute se desenvolveu ao longo dos anos e que hoje já foi quase totalmente demolido.

No aspecto social e cultural é de fácil análise como um grupo, já que o Líbano e principalmente Beirute, são a soma de um quebra-cabeças onde as peças são as dezoito religiões reconhecidas pelo Estado<sup>4</sup> e felizmente a ambiência é uma noção perfeitamente ecumênica (AUGOYARD, 2020, p.110). Cada credo tem um papel fundamental na montagem do país, ou seja, ainda que sejam uma minoria irrelevante numericamente e não utilizassem vestimentas únicas e religiosas em vias públicas, como solidéu, os judeus no Líbano eram claramente identificados como tal. Por ser um país confessional, ainda que uma pessoa não seja religiosa ou não se sinta parte de uma comunidade, ainda assim ela será reconhecida como tal. As festividades judaicas e a celebração do *shabat*<sup>5</sup> eram sempre realizadas, comida e aspectos culturais e tradicionais judaicos e libaneses eram seguidos. Os fatores econômicos, ainda que muitas das famílias não fossem tão abastadas financeiramente, algumas dividissem um cômodo com toda a família e adolescentes terem que

4. Segundo Sakmani (2004), são reconhecidos 18 comunidades confessionais sendo doze cristãs, cinco muçulmanas e a judaica. Schulze (2001) cita 23, sem distingui-las.

5. Corresponde ao sétimo dia da semana, o sábado, onde o descanso é valorizado e os judeus libaneses costumavam ir a sinagoga na parte da manhã.



De cima para baixo, da esquerda para direita:

1. Casamento de Marie Bari.
2. Rua Melki, que cortava as ruas Wadi Abu Jamil e Rue de France.
3. Entrada da Sinagoga Maghen Abraham em 1982.

abandonar os estudos para trabalhar e ajudar a renda domiciliar, não afetava a relação comunitária. Alguns terem cidadania libanesa e outros não, devido a políticas públicas polêmicas<sup>6</sup>, e serem muitas vezes a primeira geração crescida em Beirute, tampouco afetava o sentimento de pertencimento ao local. A memória é indissociável da identidade e não há construção identitária sem memória e vice-versa (DUARTE, 2020, p.28). Caracterizando, mais uma vez, os judeus libaneses como um grupo social, para além de uma religião ou etnia.

A atmosfera sensível e sensorial é observada no tratamento que os usuários desses espaços reservam a Rua Wadi Abu Jamil e seu entorno. Ainda que não destaquem nenhuma grande razão para a vida comunitária ser especial no quarteirão e repitam com frequência que o cotidiano no local era simples, o conjunto de fatores tornavam a ambiência daquele lugar presente. Por vezes é repetido que os judeus libaneses “sabiam viver”, dando a ideia de que viviam com alegria, frequentando restaurantes, boates, bares e nas férias era comum de alugarem casas em cidades como Bhandoun e Aley, nas montanhas no leste do país. Ainda que as sensações nessas cidades não sejam a mesma da vida no vale no centro de Beirute, a ideia de que a comunidade fosse de maneira coletiva para esses municípios no verão e que poucos eram os que ficavam na capital durante a estação mais quente, reforça a ideia de que a ambiência também estava presente no aspecto social, como diz Augoyard. As diferentes origens familiares dos judeus em Beirute, como sírios, iraquianos, provenientes da Europa oriental e também de Sidon, cidade ao sul do país, tampouco afetavam as relações interpessoais.

Augoyard diz no livro “Arquitetura, Subjetividade e Cultura”, em tradução livre, que “*Nós não gostamos de nada que é uniforme, no qual a percepção não pode se agarrar – é bom frisar, qualquer que seja o estilo e o tipo de tecido urbano. É a riqueza de informações sensíveis que deve, portanto, ser valorizada*”. É perceptível nas falas dos entrevistados a dinâmica da cidade e principalmente do quarteirão, longe de serem uniformes ou monótonos. A relação dos indivíduos com os vizinhos, com frequentes visitas e recepções em casa, tornavam os edifícios dinâmicos e interessante do ponto de vista urbano e arquitetônico. As varandas e os baixos edifícios proporcionavam essa interação com o pedestre e tornavam não só o caminhar, mas também o morar como algo com mais vitalidade. A vida urbana é mais rica e mais agradável quando o contato e a dimensão

6. Por exemplo, da nacionalidade vir somente do homem e filhos de pai imigrante não serem reconhecidos como cidadãos pelo Estado.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo:

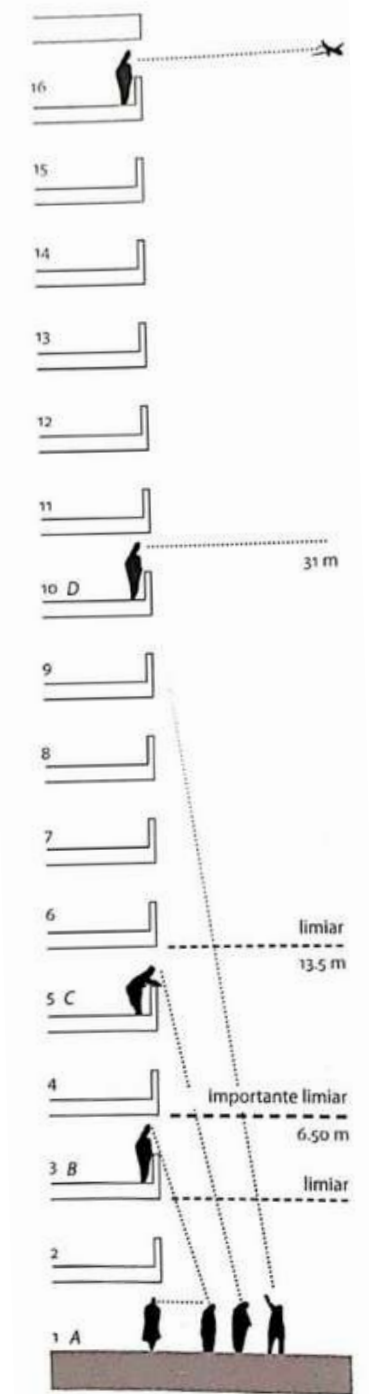
1. Rue Royal (também conhecida como 'Nazlet el Falafel'). Prédio da direita esquina com a Rue Georges Picot; Na esquerda o Immeuble Daouk que permanece até hoje.
2. Cidade ao nível dos olhos de Jan Gehl.
3. Imóveis em frente a sinagoga Maghen Abraham em 1995.

humana é mantida, e uma das melhores formas de manter essas qualidades nas ruas, são com a manutenção de construções de poucos pavimentos, para manter a cidade ao nível dos olhos. A conexão entre o plano das ruas e os edifícios altos efetivamente se perde depois do quinto andar (GEHL, 2010, p.40, p.117). Somam-se ainda os encontros nas vilas de casas e as festas sendo comemoradas nas ruas e no caminho das escolas, clubes e sinagogas.

Algo comum a todos os entrevistados, e a maioria dos judeus libaneses, era o ato de caminhar. Isso é ressaltado na fala de Soly, dizendo “ser impossível caminhar em Wadi Abu Jamil sem parar para falar com alguém”. Por se tratar de um quarteirão, com uma área não tão extensa, composta por ruas estreitas, vilas e escadas, e pelo aspecto cultural e econômico, o deslocamento a pé era a principal forma de mobilidade. Acredito que um dos motivos que contribui para essa forte ambiência entre os seus usuários é justamente esse caminhar como ponto de partida da reflexão, onde se permite problematizar a relação sensorial do morador com o seu entorno urbano (THIBAUD, 2012, p.3). É mencionado também com frequência o tramway, um tipo de bonde que passava na Rua George Picot, localizada nas proximidades do quarteirão judaico, onde haviam muitas lojas e grande movimento. Esse meio de transporte coletivo não afetava negativamente o caminhar, pelo contrario, tornava o andar seguro e agradável por sua permeabilidade e velocidade reduzida.

Jean-Paul Thibaud reforça essa questão dizendo que a experiência urbana é o caminho “inevitável para os pesquisadores que buscam captar e restituir a concretude da experiência urbana”. Concordo com o autor e acredito que a ambiência seja fundamental do ponto de vista morfológico urbano. Se entende o quarteirão através dessas experiências vividas, refletidas em fotos, vídeos e cartografias.

O fato de Wadi Abu Jamil, na verdade, se tratar de uma rua e não um quarteirão também é algo de destaque e curiosidade. A escala atribuída para essa rua é a de um grande quarteirão pelas lembranças dos entrevistados, incluindo a Rue de France e vielas e ruas que levavam a Rue Georges Picot. Em alguns raros casos sendo chamado de bairro, ainda que esteja localizada entre os bairro de Bab Idriss e Minet Al-Hosn.





# CONTEXTO HISTÓRICO

*Wadi*, em árabe, significa ‘vale’. A região ficava numa pequena depressão, que é possível observar em pinturas e cartografias antigas. O local também era chamado de *Wadi Al-Yahud* ou ‘vale dos judeus’, em razão da maioria judaica que ali vivia.

A presença de judeus na região, onde hoje se localiza o Líbano, remonta desde os tempos bíblicos, principalmente o sul do país, onde possivelmente está enterrado um profeta, mas também nas montanhas e no restante do país, tendo sido registrado em diversos momentos do velho testamento (SCHULZE, 2001, p.12). A região foi parte de diversos domínios até sua independência em 1943, incluindo o Império Otomano e a França, que influenciaram bastante na cultura e sociedade. A partir do século XX, Beirute começa a se tornar famosa como um polo comercial, econômico e turístico da região, sendo associado a cidades como Paris e países como a Suíça.

Com diversos conflitos acontecendo em países do Oriente Médio e o antissemitismo crescente na Europa, junto ao crescimento econômico da capital libanesa, algumas famílias judias optam por migrar para Beirute, sejam elas *sefaradim*<sup>7</sup>, *mizrahim*<sup>8</sup> ou *ashkenazim*<sup>9</sup>.

Ainda que existam registros da presença judaica no Líbano há séculos, a ocupação em Beirute dos bairros de Bab Idriss, Minet Al-Hosn e Kantari, e principalmente do entorno da Rua Wadi Abu Jamil, se deu a partir do século XX, sendo boa parte dos indivíduos que viveram no bairro, filhos ou recém nascidos vindos da Síria, Iraque e de outras regiões do Líbano, como o Norte, o Sul e as montanhas ao Leste, fugindo do antissemitismo ou que buscavam mais prosperidade e melhor qualidade de vida do que em seus locais de origem, tendo Beirute como destino final ou temporário rumo as Américas, Israel ou Europa. A população judaica de Beirute cresceu após esses anos, tendo sido o único país árabe a aumentar sua população judaica após a independência de Israel em 1948 (SCHULZE, 2001, p.6, p.76).

Rua Wadi Abu Jamil  
em 1969/1970.

7. Originários da Península Ibérica, Turquia e Grécia.

8. Originários do Oriente Médio.

9. Originários da Europa Oriental.





De cima para baixo:

1. Rua Wadi Abu Jamil em 1995.
2. Foto aérea do antigo bairro judaico. No canto inferior direito é possível ver a sinagoga Maghen Abraham e o colégio Talmud Torah.

Quando se trata do censo demográfico da população judaica no Líbano, se estima que a maior presença judaica na capital libanesa ocorreu na véspera da primeira guerra civil em 1958, onde se estima que vivessem de 9 a 15 mil pessoas (SCHULZE, 2001, p.95). Ou seja, se trata de uma população pequena, tendo em vista a população total de Beirute na época, estimada entre 400 a 500 mil pessoas, ou das populações judaicas de outros países árabes e muçulmanos.

O bairro de Wadi Abu Jamil não se tratava de um gueto, no sentido europeu, onde leis restringem a ocupação judaica, ou de outro povo, na cidade. O bairro nada mais era que um local com massiva presença judaica, com instituições comunitárias presentes nesse local e onde a maioria dos judeus morava, principalmente até os anos de 1960, quando parte da população judaica começa a ter melhores condições e se muda para apartamentos mais confortáveis mais próximos da Rua Georges Picot, ainda que as distâncias fossem curtas e possíveis de serem feitas a pé e que a grande maioria dos encontros e serviços judaicos se mantivessem no bairro. Havia também outras minorias vivendo nesse local, como curdos e armênios, mas também alguns muçulmanos e cristãos. Esse simples fato ocorre, assim como em outras minorias ao redor do mundo, por proximidade identitária, costuma ser mais conveniente se concentrar em um local onde seu povo está, pelas facilidades que esse convívio com o que é comum proporciona.

A relação inter-religiosa, na grande maioria das vezes, é relatada como boa pelos entrevistados. Havia sócios de origem judaica com sócios de outras seitas, funcionários de fábricas e confecções de diferentes etnias. Nas festas judaicas havia uma empatia com os moradores do bairro, sendo celebrado junto com outras religiões, o final da festa de *Pessach*,<sup>10</sup> onde muçulmanos e cristãos serviam, e vendiam, pães e doces. O número de sinagogas em Beirute é estimado por muito dos entrevistados e pela bibliografia encontrada, porém, acredita-se que variavam entre dez e vinte espaços de culto da religião judaica.

O comércio na região era simples e focado pro público judeu, com açougues seguindo as tradições religiosas e um forno comunitário, onde se pagava um valor para assar pães e massas. Porém, o bairro ficava próximo de bairros com forte comércio, parques e praias, que eram frequentados aos finais de semana.

10. Festividade judaica aonde os judeus comemoram a saída do Egito e não comem trigo e alimentos fermentados.

Alguns, desde que saíram arriscaram voltar ao país após as partidas, mas nesse retorno ao local, nem mesmo pequenos sentimentos são repetidos. Liliane, que se mudou de Beirute para Bhamdoun<sup>11</sup> em 1975, fugindo da recém iniciada guerra civil, permanecendo na cidade até 1977, quando deixou o país de maneira definitiva, em seu retorno em 2000 disse: “A Alliance<sup>12</sup> não existe mais. Esse não é mais o meu país, as pessoas se vestem diferentes, batem palma e cantam alto... Era um lugar muito sofisticado, os hotéis do Líbano, os restaurantes do Líbano não tinham nem na França”. Ela não só enfatiza a questão cultural que mudou, como a vestimenta, mas também como a parte turística e de serviços, que não acompanhou suas lembranças.

Marie, saiu de Beirute com seu marido em 1959, mais de 15 anos depois, comprou passagem e estava ansiosa para voltar ao seu país natal e visitar sua mãe que ainda morava lá. Porém, quando chegou na escala em Roma, descobriu que sua mãe havia fugido para Milão, onde seu irmão morava. A guerra civil tinha recém iniciado e seus planos de tentar reviver parte de suas memórias tinham sido abandonados.

Foram produzidos croquis a partir da minha interpretação das entrevistas que conduzi, junto das informações e fotos coletadas. A produção de croquis não se deu partindo da perspectiva da melhor representação das memórias, porque isso seria impossível. Busquei ilustrar os principais caminhos percorridos pela voz dos entrevistados e narrados pelo meu “ouvido”.

Em “Diversidade Religiosa” apresento a composição multiétnica presente na capital libanesa. Essa experiência de conviver com diferentes religiões é parte da identidade libanesa, e é claro do judeu libanês, o aspecto plural e tolerante, em um país em que “todos são minorias”<sup>13</sup>. A relação com o próximo sempre foi destacada do ponto de vista judaico, tendo suas particulares e preferências, mas sempre exaltando a empatia e o respeito que haviam para os judeus e dos judeus, ainda que, como dito anteriormente, a sensação de segurança tenha oscilado ao longo dos anos. No croqui destaco diversos templos religiosos, todos compondo um grande quebra-cabeça dentro dos limites de Beirute, onde cada peça é fundamental para a estabilidade da cidade.



11. Cidade montanhosa localizada a leste da capital libanesa, onde boa parte dos judeus alugavam casas para passar as férias de verão.

12. Alliance Israélite Universelle, um dos principais colégios judaicos do quarteirão.

13. Expressão usada com frequência para apresentar a demografia libanesa como plural.



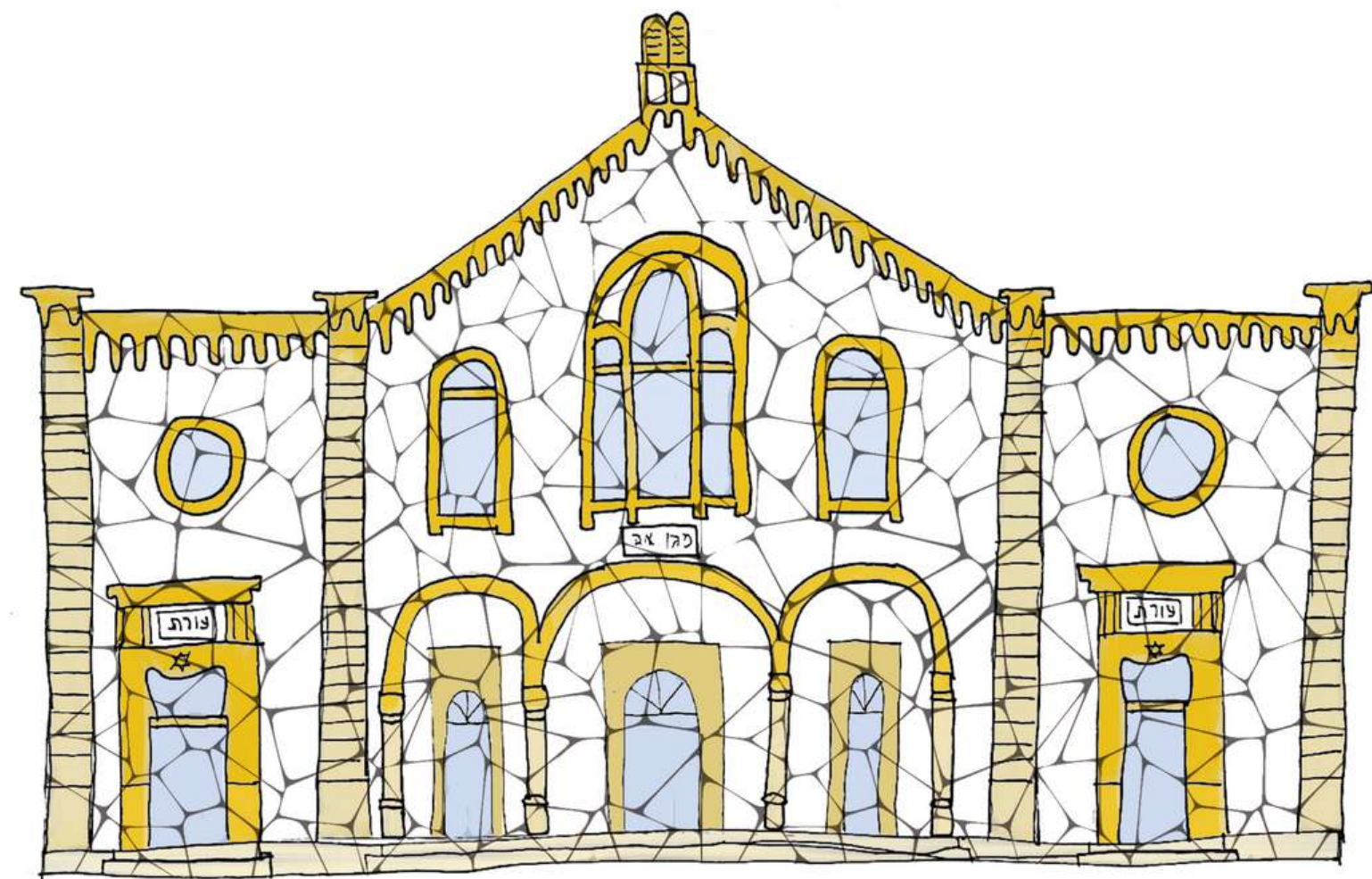
De cima para baixo:

1. Croqui 'Mosaico da Sinagoga Reformada'.
2. Croqui 'Wadi Abu Jamil'.

“Mosaico da Sinagoga Reformada” diz respeito a reconstrução do templo mais importante do judaísmo libanês. O mosaico, composto de cacos com imperfeições, tamanhos diferentes e que nunca reproduzem exatamente a imagem do que era antes, é a forma que encontrei em resignificar esse importante elemento. Ainda que a reforma tenha sido aparentemente coerente com a antiga construção, respeitando os detalhes antes da destruição, não se trata do mesmo edifício. Não há judeus declarados para frequentar esse espaço com segurança e tampouco é aberto a visitação da população. Ou seja, atualmente não tem função nem religiosa nem educativa, sendo o seu acesso restrito em razão da sinagoga ter como vizinho Saad Hariri, ex-primeiro ministro do Líbano, e de ficar bem próximo do Grand Serail, também chamado de Palácio do Governo, e do prédio do Parlamento libanês.

“Wadi Abu Jamil” é a representação das descrições feitas durante as entrevistas sobre o quarteirão em si. Como eram os edifícios, quantos pavimentos, como se dava a vida no local e o que havia no seu entorno imediato. No desenho apresento “parreiras que bloqueavam a entrada do sol em casa”, “grandes muros que separavam as simples casas de um enorme terreno”, “a grande escada de mármore que levava ao segundo andar da última casa da vila”, as largas sacadas, as comparações entre libaneses e brasileiros e a “impossibilidade de andar na região sem parar para falar com alguém”. Todos esses relatos, e outros mais, circundando o eixo principal dos judeus, mesmo os que não eram tão religiosos, que era a sinagoga Maghen Abraham.

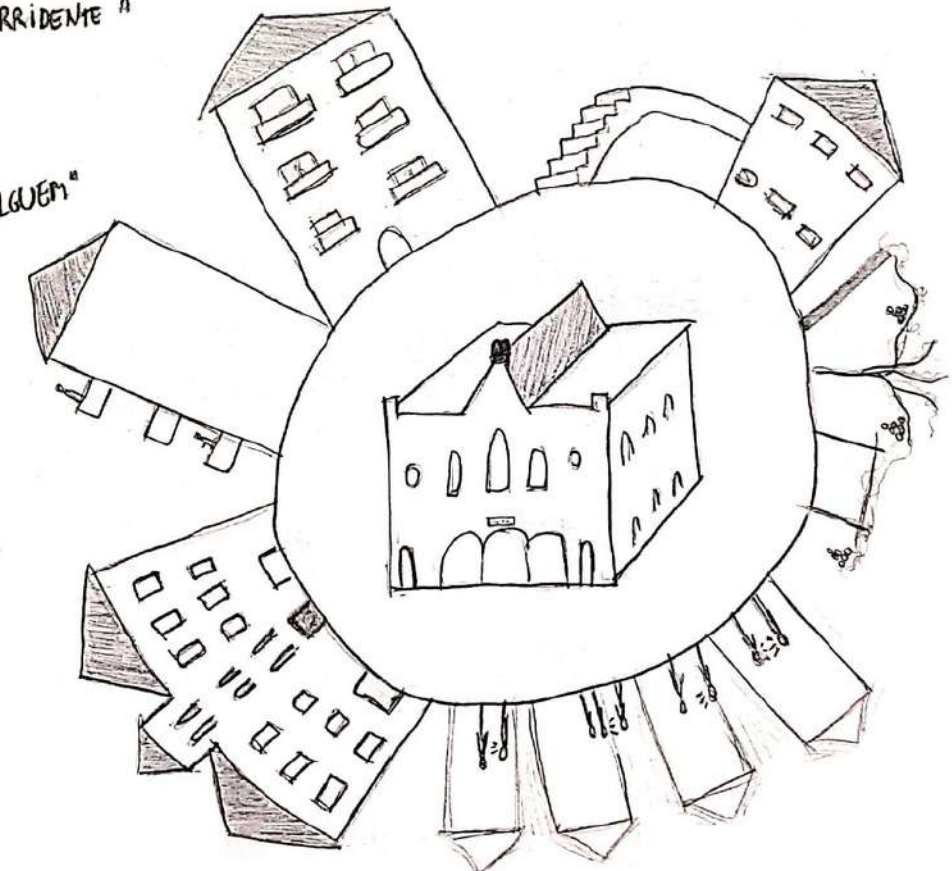
É importante ressaltar que esta sinagoga funcionava não só como um elemento religioso, mas também como uma referência de localização e uma forma de marcar a ocupação judaica em Beirute. O aspecto cultural do espaço é mais relevante do que a percepção religiosa em quase todos os cenários observados. Ir ao shabat nesta sinagoga era mais um encontro social do que uma reza ou presença específica. Até porque existiam outras várias sinagogas na região e para além do espaço de culto, o terreno contava com a escola Talmud Torah, e um espaço aberto onde eram realizadas atividades esportivas. Além disso, o espaço também servia como um clube, recebendo jovens para dançar, participar de movimentos juvenis e praticar esportes, servindo como um centro comunitário.



"O LÍBANÊS É LIBANÊS MESMO,  
QUANDO ESTÁ EM OUTRO PAÍS,  
ELE VIVE A VIDA LIBANÊSA MESMO,  
INDEPENDENTE DA RELIGIÃO "

"O LIBANÊS É TIPO UM BRASILEIRO,  
CORAÇÃO ABERTO, SIMPATIA, RECEPTÍVEL  
E SEMPRE SORRIDENTE "

"NÃO EXISTE ANDAR EM  
WADI ABU JAMIL  
SEM PARAR PARA  
FALAR COM ALGUÉM"



Da esquerda para a direita, de cima para baixo:

1. Mapa indicando a localização das antigas edificações gregas.
2. Mapa indicando a localização das antigas edificações romanas.
3. Litoral de Beirute em 1516.
4. Região central de Beirute em 1876, junto a marcação do cemitério.
5. Mapa de Beirute em 1912.
6. Mapa de Beirute em 1918.
7. Mapa de Beirute em 1923.

Outro fator que atendia o caráter para além do religioso da Maghen Abraham, era que servia como a casa da comunidade judaica para governantes e líderes religiosos. Com frequência foi relatado sobre a presença de ministros, líderes muçulmanos e cristãos marcando presença em grandes festividades e feriados judaicos. A relação inter-religiosa era sempre bem vista, principalmente nas festividades judaicas, dando uma simbologia a mais para o aspecto cultural da cidade. Ainda que numericamente poucos, o respeito e a consideração eram presentes com as vindas desses líderes para a principal sinagoga da cidade. É curioso destacar que para a reforma da sinagoga acontecer, precisou passar pelo parlamento libanês, com a composição sendo representada por todas as religiões presentes no Líbano e tendo seu aval acontecido com facilidade, com ênfase para o grupo político xiita Hezbollah, tendo seu líder dito ser contrário aos sionistas, mas não aos judeus<sup>14</sup>. Ainda que outros templos religiosos também tenham sido reformados após a guerra.

A partir dos mapas é possível observar parte da história da região central de Beirute. A sinagoga, por exemplo, está localizada sobre um antigo hipódromo romano, descoberto somente em 1988 e um dos poucos conhecidos do Oriente Médio<sup>15</sup>. Diversos mapas foram feitos ao longo dos anos por autores de diferentes interesses, do Império Otomano, da França e do Líbano independente antes e durante a guerra. Observa-se que a cidade era murada e limitada e com o passar dos anos foi expandindo, além disso a presença multiétnica já é percebida no levantamento da Rice University<sup>16</sup>, pela presença de uma sinagoga, uma mesquita e uma igreja em 1774. A sinagoga em questão é associada ao nome de Misgav-Ladakh, porém, segundo Nagi Gergi Zeidan<sup>17</sup>, ela é datada de 1807. Anos depois a região do que virou a ser a Rua Wadi Abu Jamil começa a ser identificada no plano do Major C Rochfort em 1841, onde é possível de se ver o traçado do terreno onde se localizará a rua em questão. A partir de 1862 já se observa o Palácio do Governo, o Grand Serail, e quatorze anos depois, no mapa de Julius Löytved, é marcada a localização de um terreno dividido em três lotes localizado na Rue Damas na estrada para Damasco, que anos depois virão a ser descritos como cemitério judaico e protestante.

14. Não foi possível encontrar a veracidade da informação, ainda que tenha sido repetida diversas vezes em diversas fontes em árabe e inglês. Sendo um deles o Khazen.org e a agência de notícias DW (Deutsche Welle).

15. Segundo o site "Lebanon in a Picture".

16. Referente ao projeto Diverse Levant desenvolvido pela universidade.

17. Retirado do livro: "Juifs du Liban – d'Abraham à nos jours, histoire d'une communauté disparue", p.73

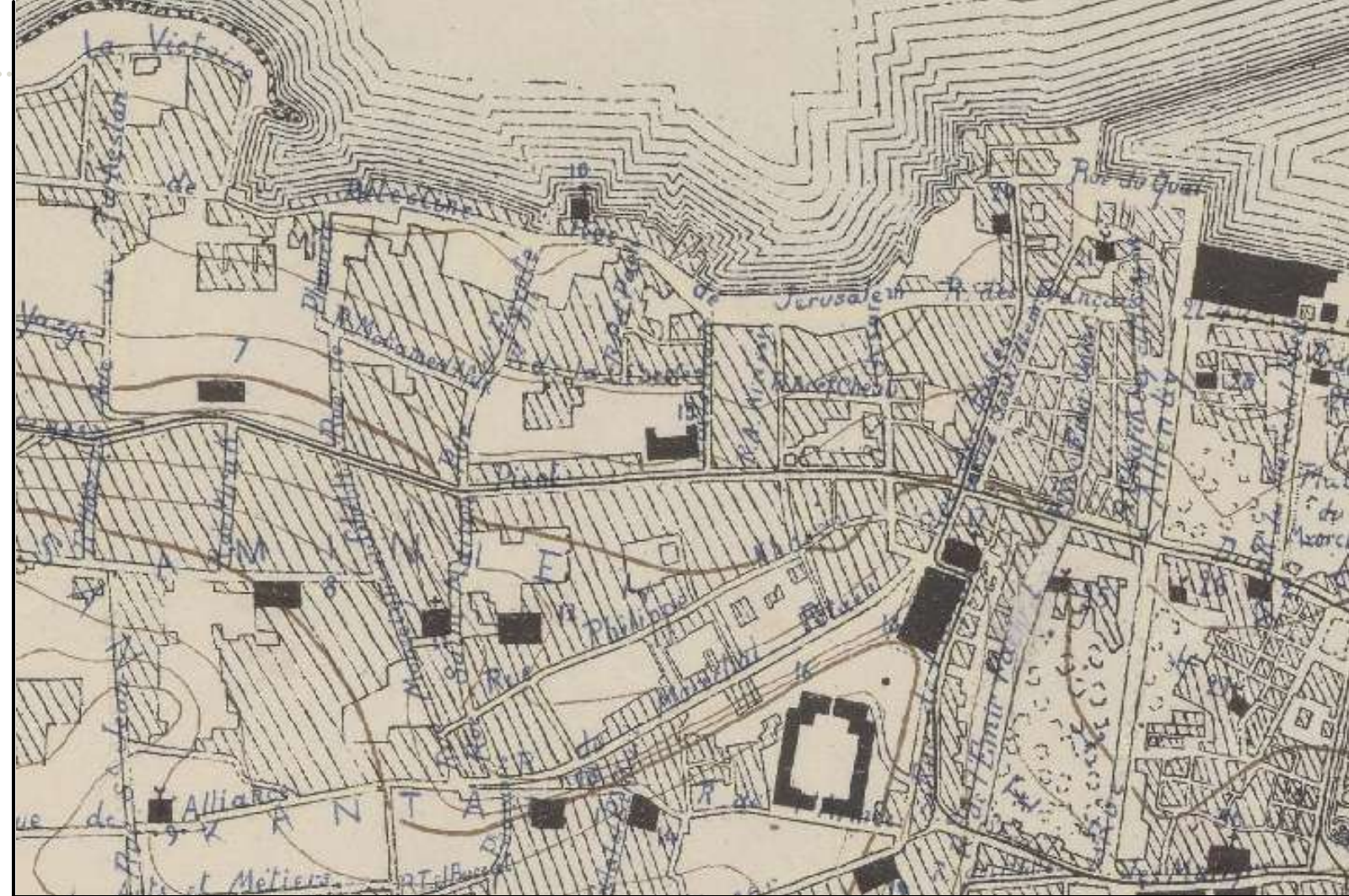


De cima para baixo:

1. Primeiro mapa a nomear as ruas em 1920.
2. Mapa da cidade em 1940.

Em 1912 a região já é conhecida como *El Wadi* (“O vale”, em português). Seis anos depois a palavra “*Synagogue*” (sinagoga, em português) aparece próxima ao *El Wadi*, importante notar que em 1918 a sinagoga Maghen Abraham ainda não havia sido construída, porém já havia judeus no local. Tendo o Palácio do Governo como referência, em 1920 são registrados os nomes das ruas, sendo a atual Rue Wadi Abu Jamil, chamada de Rue Philippe Khasen e a atual Rue de France como Rue du Marechal Petain, e a atual Rue Omar Daouk como Rue Georges Picot. O mapa foi feito durante o mandato francês no Líbano, provavelmente por essa razão optou-se por nomear as ruas em homenagem a franceses. Em 1923 mais uma vez a palavra “*Synagogue*” aparece próxima ao vale, porém só em 1926 a sinagoga Maghen Abraham é inaugurada. Ainda sob mandato francês, a Rua Wadi Abu Jamil e a Rua Georges Picot recebem seus nomes e a maior sinagoga de Beirute já consta no mapa, outras ruas recebem nomes e há uma marcação mais detalhada dos lotes e ruas. Desde 1912 o caminho do *tramway* é traçado e segue independente do nome e composição das ruas. Em 1950 é possível ver a escada da Rue Melki, que leva da Rua Wadi Abu Jamil a Rue du Marechal Petain, ainda que o Líbano tenha se tornado independente, muitas ruas permaneceram com o mesmo nome até serem substituídos. Cinco anos depois um fato curioso chama a atenção, a Rue Melki é chamada de Rue Cohen, provavelmente em homenagem a algum judeu que morou na rua, tendo em vista que “Cohen” é um dos sobrenomes judaicos mais comuns. E pela primeira vez a Rue du Marechal Petain é chamada de Rue de France.

Em 1978, surge um mapa onde os nomes das principais ruas do entorno judaico sofrem uma grande alteração, acredita-se que seja em virtude de alguma forma de politização da região, tendo em vista que o país passava por uma guerra civil, onde a capital ficou dividida. Outro indício que aponta para esse cenário é que pela primeira e única vez o cemitério judaico e o protestante, localizados na Rue Damas, são apresentados como um único e grande cemitério cristão.



M E R M E D I T E R R A N E E



# BEYROUTH

Echelle appr. 1:25.000

Tramways

- BATIMENTS PUBLICS**
1. Hôp. Américain
  2. Maternité Française
  3. Ecole de la Charité
  4. Cas. des Pompiers
  5. Collège Patriarcal
  6. Musée
  7. Palais de Justice
  8. Grand Sérail
  9. Banque de Syrie
  10. E. de Capucins. Paroisse Latine
  11. Poste
  12. Parlement
  13. Municipalité
  14. Grande Mosquée
  15. E. des Maronites
  16. Petit Sérail
  17. Collège des Frères
  18. Les Soeurs de Charité
  19. Hôp. Sacré Coeur
  20. Archevêché Maronite
  21. Université St. Joseph
  22. Faculté de Droit - Ecole des Ingénieurs

Carte établie par réduction des plans cadastraux effectués par la Régie du Cadastre.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cartografias afetivas e um dos planos de reconstrução pós-guerra.

Hoje a área central da cidade, bastante destruída durante a guerra civil, passa por um processo de reabilitação e reforma, onde a empresa Solidere, criada por Rafik Hariri, primeiro ministro nos anos de 1990 e 2000, adquire os terrenos, planeja e executa as obras.<sup>18</sup> O antigo quarteirão judaico, hoje é uma mistura de terrenos vazios, edifícios de alto luxo, apartamentos de ministros e a sinagoga recém reformada.

Após o fim da guerra civil, em 1990, a sinagoga Maghen Abraham estava sem telhado e havia sido totalmente saqueada, só restando as ruínas do elemento arquitetônico. Outros edifícios que faziam parte do quarteirão judaico permaneceram, em estados similares. Após as reformas realizadas pela empresa Solidere, que segundo Guga Chacra<sup>19</sup> preservaram templos religiosos, a principal sinagoga do Líbano foi preservada, porém todos os demais elementos judaicos remanescentes da antiga região foram arrasados, dando lugar a novas construções ou estacionamentos. A sinagoga Maghen Abraham sofreu ameaças de demolição, porém, foi reformada junto com outros templos religiosos, com investimento da diáspora judaica libanesa e da empresa Solidere<sup>20</sup>. Houve uma grande reabilitação do imóvel tendo sido finalizado em meados de 2014 e após a explosão do porto de Beirute em 2020, ficou parcialmente destruído sofrendo mais uma vez um processo de reforma do edifício. Em todo o Líbano, a exceção se dá ao cemitério judaico de Beirute, localizado na região de Sodeco há cerca de 2km da Rua Wadi Abu Jamil, e a outras duas ou três sinagogas no interior do Líbano que hoje estão em estado de ruína.

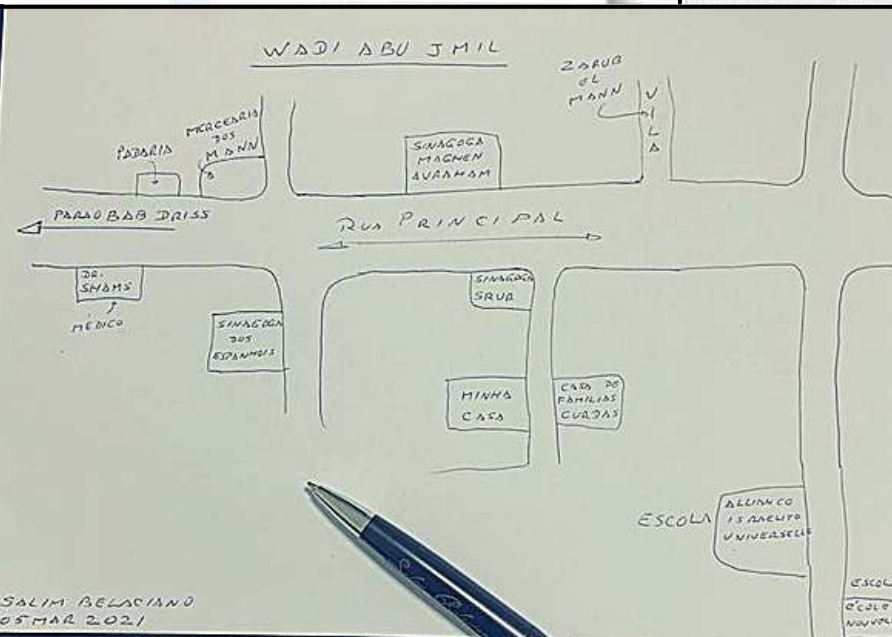
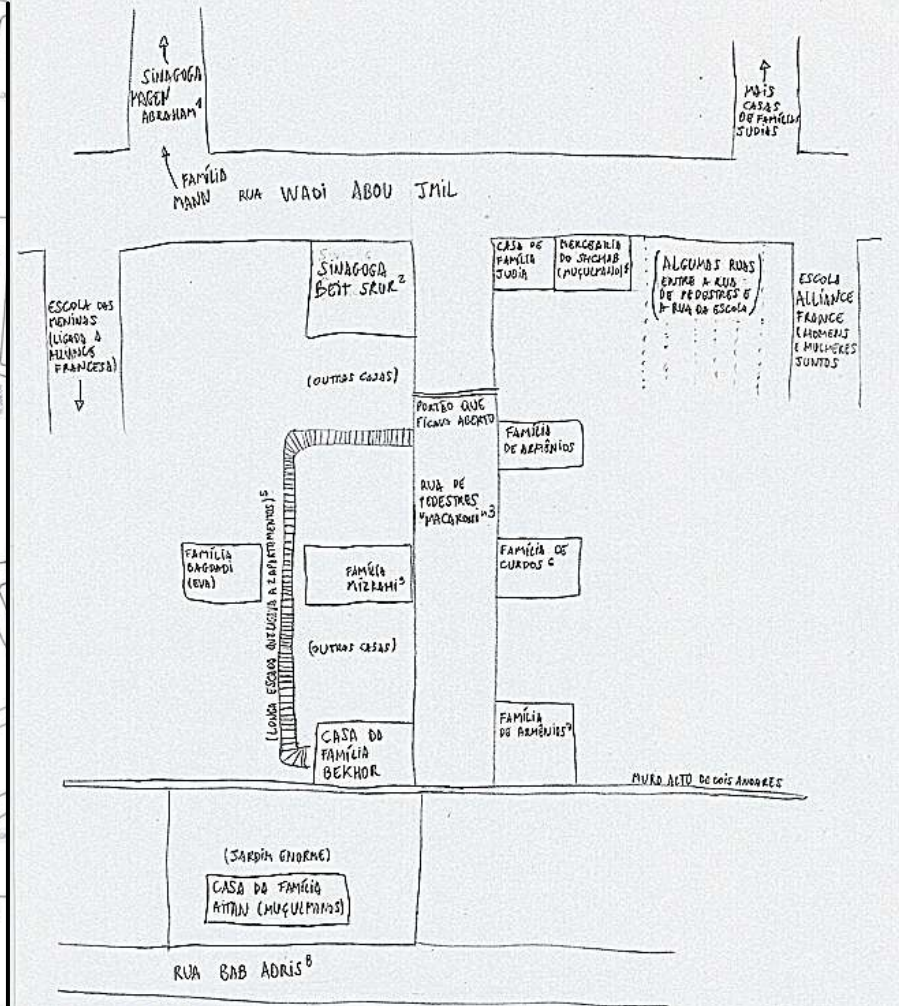
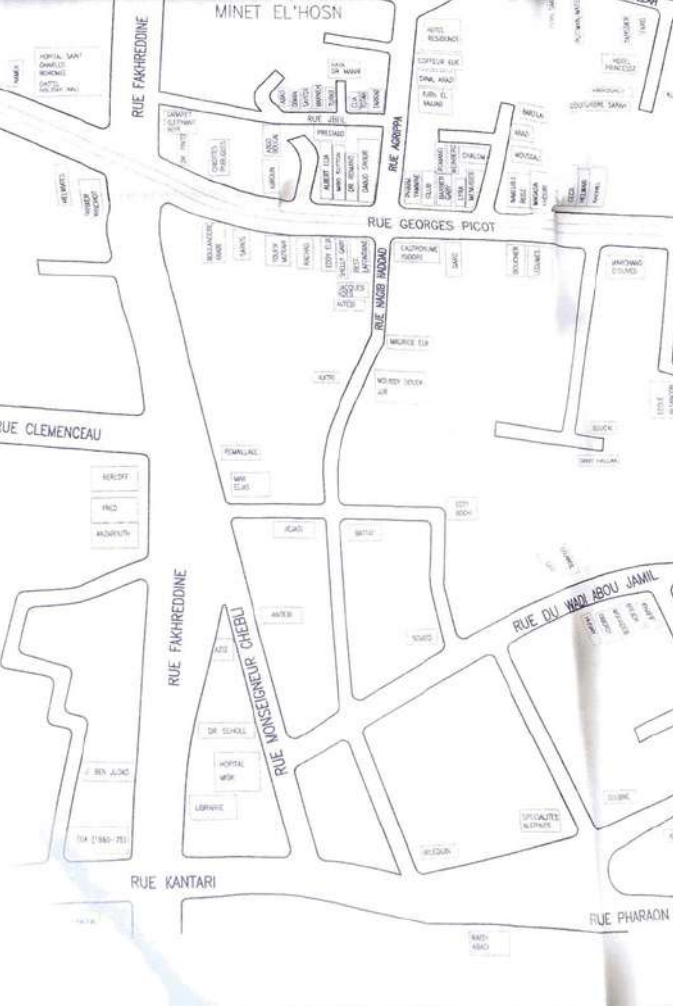
A autoria da sinagoga é atribuída ao arquiteto Bindo Manham<sup>21</sup>. Os arquitetos responsáveis pela reforma mantêm anonimato para não serem associados a obra e por acreditarem que este trabalho possa vir a ser usado de maneira política, atrapalhando suas carreiras profissionais. Há diversas fontes que apontam que haja um número aproximado e pequeno de judeus praticando sua fé de forma escondida em Beirute, a maioria idosos e casados com membros de outras seitas<sup>22</sup>. Outro fato curioso é que para fins oficiais e eleitorais, o judaísmo ainda é considerado uma das 18 seitas religiosas libanesas, sendo representada no parlamento por um cargo político junto com outros seis grupos minoritários.

18. Há diferentes versões sobre o processo de aquisição por parte da empresa Solidere (*Société Libanaise pour le Développement et la Reconstruction du Centre-ville de Beyrouth*). Alguns dizem que a empresa troca os terrenos por ações da própria empresa, outros acusam a Solidere de tomar o terreno sem indenizações. Por não se tratar do objetivo deste estudo e não ter sido encontrado uma fonte confiável a respeito, o tema não foi aprofundado.

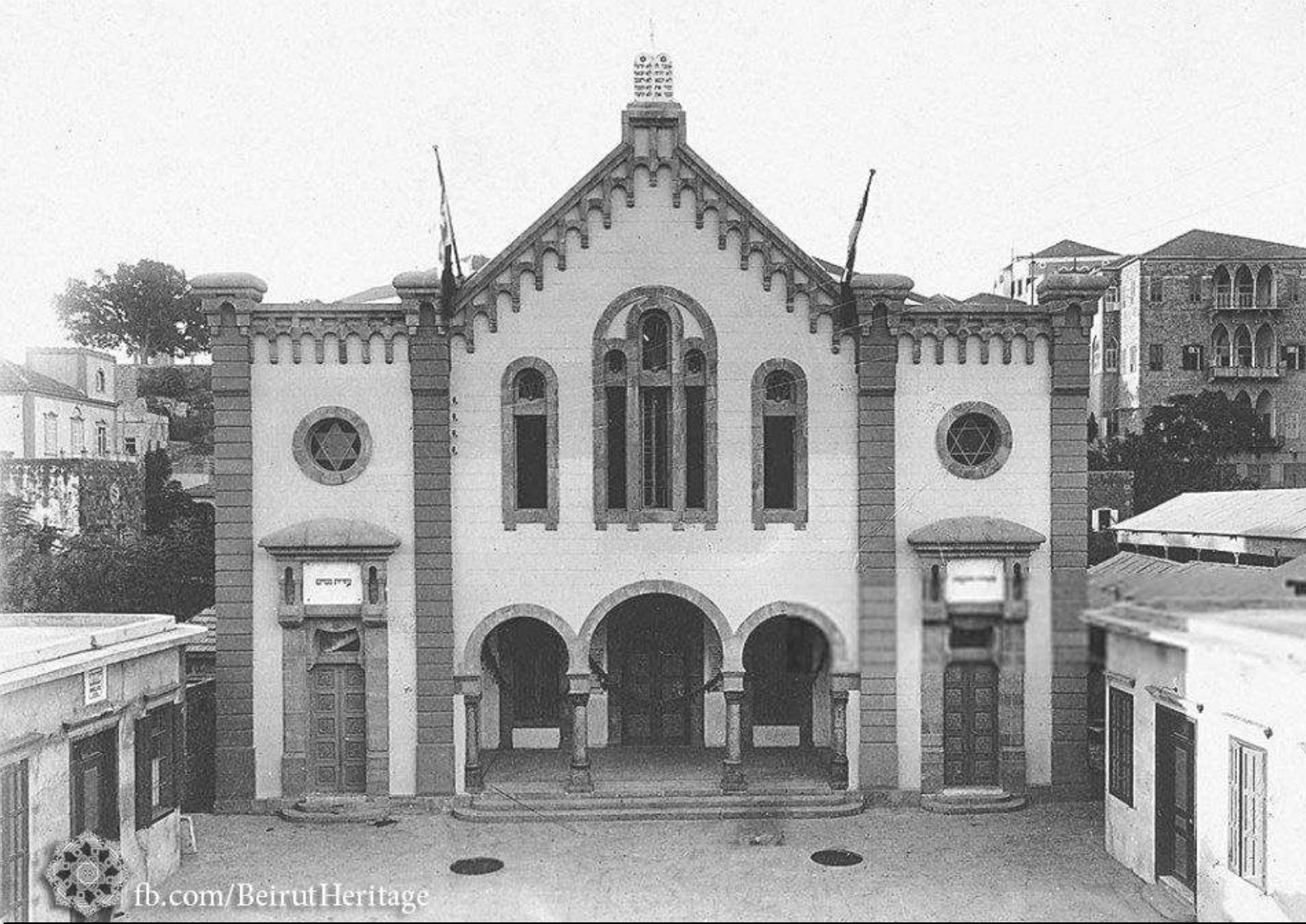
19. Guga Chacra disse isso em uma conversa com o Rabino Nilton Bonder realizada no Instagram no dia 21/07/2021.  
20. Não há consenso sobre os valores das doações e custo total da obra. A versão mais repetida é a mencionada a cima, onde a diáspora judaica libanesa doou o montante maior e a Solidere contribuiu com uma pequena porcentagem previamente destinada a templos religiosos.

21. Não foi encontrado outras obras atribuídas ao mesmo arquiteto.

22. Confirmado por reportagens da agências de notícias Daily Star e Mashallah News.



DEMOLIDO ATÉ 1983	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #ffffcc;"></span>
DEMOLIDO ATÉ 1991	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #ffff00;"></span>
DEMOLIDO ATÉ 1994	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #ffcc00;"></span>
DEMOLIDO ATÉ 1998 (SOLIDERE)	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #ff0000;"></span>
MANTER	<span style="display: inline-block; width: 15px; height: 15px; background-color: #000000;"></span>



fb.com/BeirutHeritage



Houveram uma série de planos para a remodelação da cidade, principalmente nos anos seguintes ao final da guerra. Os danos causados eram enormes e não faltaram projetos para a área central da cidade, bem valorizada e próximo de regiões importantes da capital. Com a explosão do porto de Beirute em Agosto de 2020 a situação piorou. O processo imobiliário junto a Solidere ainda ocorre e por se tratar de uma região de alta segurança, não foi possível localizar muitas imagens do quarteirão nos últimos anos, com exceção das fotos da sinagoga reformada após 2014 e após a explosão de 2020, em razão de visita e divulgação nas redes sociais.

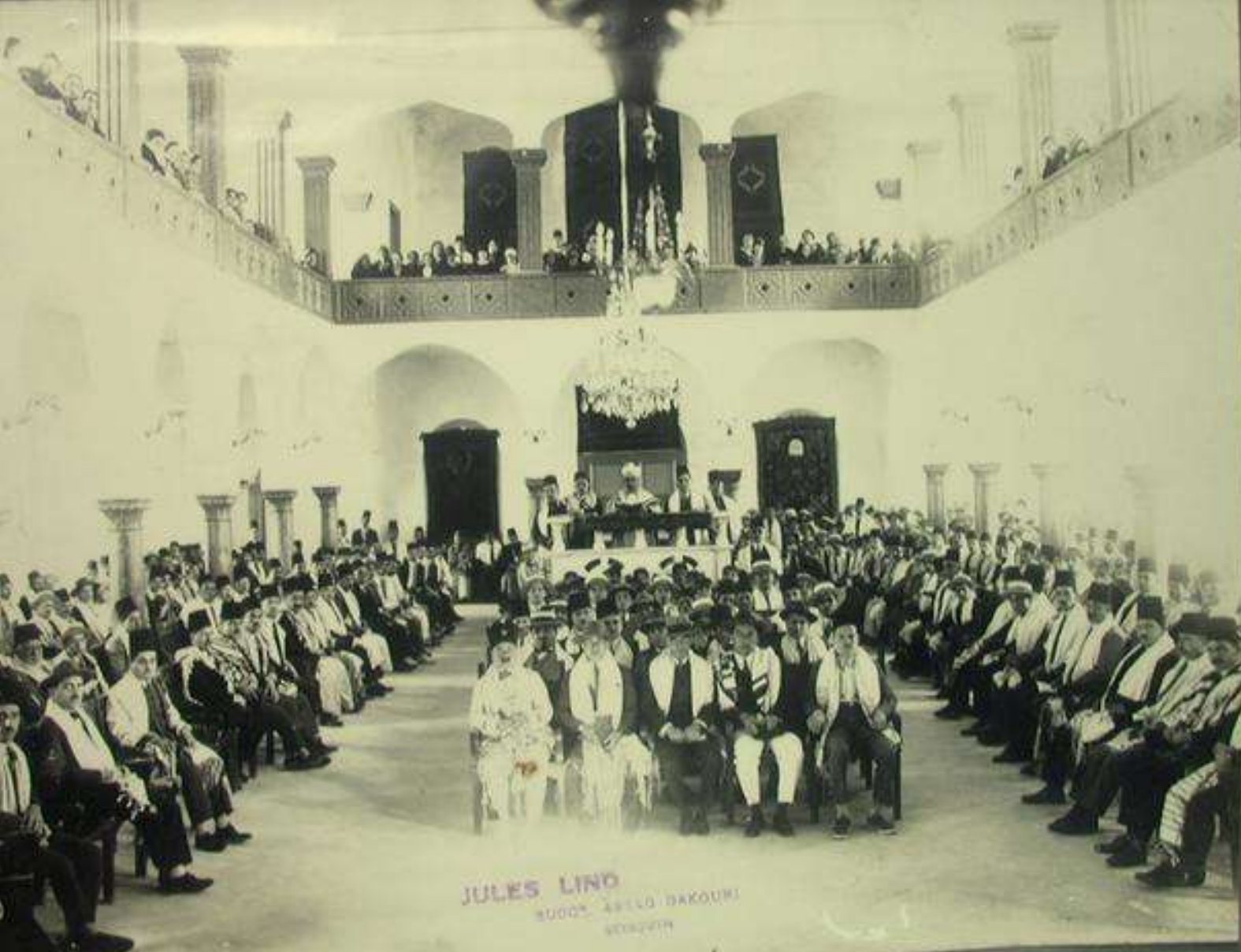
Por se tratar de um país de língua árabe e que esteve submetido a França por um período de tempo, os nomes das ruas, bairros e das pessoas podem sofrer variações devido a diferentes formas de transliteração. O próprio quarteirão judaico, Wadi Abu Jamil, pode ser encontrado em livros, artigos, mapas ou documentos como Wadi Abou Jamil, Wadi Abu Jmil, Ouadi Abou Gemil, e de várias outras formas.

O trabalho não termina aqui. É necessário darmos um maior enfoque e continuidade nas pesquisas sobre os judeus oriundos de países árabes e muçulmanos, preservando suas histórias e memórias, já que em boa parte desses países não há mais populações judaicas e a diáspora, com o passar do tempo, não mais existirá.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso é a soma de vários interesses pessoais. É judaico, árabe, do oriente médio e multiétnico, temas que para alguns são uma contradição, principalmente para quem tenta entender o mundo de maneira pobre, onde há vilão e herói e somente uma narrativa. Não compreemos vendas casadas de discursos, onde defender uma causa no nosso contexto nos faz abraçar outras causas no escuro. Exploreemos e estudemos mais o oriente. Saíamos do óbvio, do lugar comum. A identidade é plural. Ser a favor de um, não é ser contra o outro. Viva a diversidade, viva a pluralidade étnica, religiosa, nacional e identitária!

Da esquerda para direita, de cima para baixo:

1. Demolição dos edifícios no entorno da sinagoga nos anos 2000.
2. Sinagoga reformada sem o entorno imediato.
3. Restauração da sinagoga.
4. Convidados visitam a sinagoga após a explosão do porto de Beirute e reforma.
5. Interior da sinagoga totalmente reformado.
6. Detalhe na fachada principal.





# BIBLIOGRAFIA

AUGOYARD, Jean-François. **For an aesthetics of ambiance**. Tradução Harry Foster, do original “Vers une esthétique des ambiances” retirado do *Ambiances en débats* p. 17-30, 2004.

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, edição 2012.

CARVALHO, Thereza; PACHECO, Fernanda. **Cidade, modos de ver e de fazer vitalidade urbana no dia a dia**. Revista de Morfologia Urbana, [S. l.], v. 7, n. 1, p. e00062, 2019.

DIAS, Fernanda Pacheco. **A cidade e os afetos: micro histórias urbanas do caminhar**. PPGAU-UFF, Niterói, 2020.

DUARTE, Cristiane Rose; PINHEIRO, Ethel (orgs.) **Arquitetura, Subjetividade e Cultura**. LASC/Proarq, 1ª Edição, Rio de Janeiro, 2020.

FAWAZ, Mona; PEILLEN, Isabelle. **The case of Beirut, Lebanon**. Massachusetts Institute of Technology, 2002

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. Tradução Anita di Marco. Perspectiva, São Paulo; 1ª edição, 2013

SAKMANI, Manuel Samir - **Inter-Community Cooperation in Ethnically Plural Societies Shi'i-Maronite Relations and the Alliance Between the Free Patriotic Movement and Hizbullah in Lebanon**. Philipps University Marburg, 2020.

SCHULZE, Kirsten. **Jews of Lebanon: Between coexistence and conflict**. Sussex Academic Press, Portland, 2001.

THIBAUD, Jean-Paul. **A cidade através dos sentidos**. Revista de arquitetura e urbanismo do Proarq, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 1-16, 2012.

THIBAUD, Jean-Paul. **O devir ambiente do mundo urbano**. Redobra, p. 30-36, 2012.

ZEÏDAN, Nagi Gergi. **Juifs du Liban: d'Abraham à nos jours, histoire d'une communauté disparue**. Va Éditions, 1 vol, 2020.

Da esquerda para direita, de cima para baixo:

1. Sinagoga ocupada durante a guerra. Serviu como um ambulatório de um dos lados do conflito.
2. Sinagoga destruída e abandonada.
3. Obras de reconstrução do edifício.



**Arab News.** <https://www.arabnews.com/JewsOfLebanon>. Acessado em 02/09/2021.

**Conversa entre Guga Chacra e Nilton Bonder.** <https://www.instagram.com/tv/CRmvIx3pYA2/> Acessado em 02/09/2021.

**Daily Star.** <http://www.dailystar.com.lb/GetArticleBody.aspx?id=45655>. Acessado em 02/09/2021.

**Diverse Levant.** <https://www.diverselevant.org/>. Acessado em 02/09/2021.

**DW (Deutsche Welle).** <https://www.dw.com/en/beiruts-hidden-jewish-community/a-6654644>. Acessado em 02/09/2021.

**Farhi.** <https://farhi.org/Documents/The%20Jews%20of%20Lebanon.htm>. Acessado em 02/09/2021.

**Khazen.org.** <https://www.khazen.org/index.php/archive?id=768>. Acessado em 02/09/2021. Respeito a matéria "LEBANON: Quietly, Jewish community begins synagogue renovation" do dia 4 de Agosto de 2009.

**Lebanon in a Picture.** <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/discovered-in-1988-the-roman-hippodrome-in-beirut-is-si>. Acessado em 02/09/2021.

**Lorient Le Jour.** <https://www.lorientlejour.com/article/1240257/a-wadi-abou-jmil-la-synagogue-de-beyrouth-panse-ses-plaies.html>. Acessado em 02/09/2021.

**Mashallah News.** <https://www.mashallahnews.com/lebanese-jews/>. Acessado em 02/09/2021.

**Ynet.** <https://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4521499,00.html>. Acessado em 02/09/2021.



Henri Mann em sua casa apresentando seus itens judaicos, árabes e brasileiros.



# ÍNDICE DE IMAGENS

(*acessados em 04/09/2021*)

**Foto da capa:** Livro "*The Tightrope Walkers*" de Gabrielle Elia.

**Página 5:** Mapa de Beirute, Fady Ghazzaoui, 1955. Rice University Humanities Research Center

**Página 7:** Acervo Henri Mann.

**Página 9:** 1. Retirada da *Spring/Summer 2021 CCAS Newsmagazine at Center of Arab Studies in Georgetown University* / 2. Retirada de <http://www.saradarcollection.com/saradar-collection/english/collection-details?collid=194> / 3. Retirada de <https://al-akhbar.com/Monodose/38788>.

**Página 11:** 1 e 2. Retiradas de <http://www.saradarcollection.com/saradar-collection/english/collection-details?collid=194>. / 3. Retirada de: <https://www.facebook.com/photo?fbid=4016400205112304&set=gm.1259591167810885>.

**Página 12:** Página do Facebook do *Lebanese Jewish Community Council*. Retirada de: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10158774631650368&set=p.10158774631650368&type=3>.

**Página 15:** Fotos de algumas entrevistas realizadas. Acervo pessoal.

**Página 17:** 1. Acervo Liliane Kboudi / 2. Livro "*Jews of Lebanon: Between coexistence and conflict*" de Kirsten E. Schulze.

**Página 19:** 1. Acervo Henri Mann / 2. Acervo Nagi Zeidan.

**Página 21:** 1. Acervo pessoal. / 2, Página do Facebook do *Beirut Heritage*. Retirada de: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=875480992829795&set=p.875480992829795&type=3>. / 3. Retirado de: <http://archive.diarna.org/site/detail/public/7/>

**Página 23:** 1. Página do Facebook do *Beirut Heritage*. Retirada de: <https://www.facebook.com/BeirutHeritage/photos/a.1505891959714535/2106471086323283>. / 2. Livro "*Cidade para pessoas*" de Jan Gehl. / 3. Acervo Roger Saouda. Retirada do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=YsfaoD23IwI&t=4s>.

**Página 24:** Página do Facebook do *Old Beirut Lebanon*. Retirada de: <https://www.facebook.com/oldbeirutlebanon/photos/a.809439285750213/3788609591166486/>.

**Páginas 26 e 27:** Sem data. Página do Facebook do *Old Beirut Lebanon*. Retirada de: <https://www.facebook.com/oldbeirutlebanon/posts/3607067535987360/>.

**Página 28:** 1. Retirada de: <http://wasatbeirut.org/our-story/> / 2. *Lebanon in a Picture*. Retirado do vídeo: <https://youtu.be/MHnUHdz1OQ4>.

**Página 31:** Croqui feito pelo autor.

**Página 33:** Croquis feitos pelo autor.

**Página 35:** Mapas retirados do projeto da Rice University: <https://www.diverselevant.org/>; 1 e 2. Desenvolvidos pelos autores do projeto. 3. Ahmed Muhi Aldin Piri (*Turkish cartographer, 1465-1553*) *Eastern Mediterranean coastline as far as the city of Beirut 1516* / 4. Julius Löytved - *Plan de Beyrouth dédié à S.M.I. le Sultan Abdul Hamid II 1876* / 5. Karl Baedeker - *Beyrouât 1912* / 6. *Beirut Palestine Campaign 1918* / 7. *Plan of Beirut 1923*.



**Página 37:** Mapas retirados do projeto da Rice University: <https://www.diverselevant.org/>; 1. *Bureau topographique de l'Armée française du Levant - Beyrouth 1920* / 2. *Beyrouth - Arab Center for Architecture 1940*.

**Páginas 38 e 39:** Mapa retirado do projeto da Rice University: *1947 Map - Courtesy Fadi Ghazzaoui*.

**Página 40:** Da esquerda para direita, de cima para baixo; 1. Mapa cedido por Gabrielle Elia localizando os edifícios onde judeus moravam, no entorno de Wadi Abu Jamil, na década de 1960. / 2. Cartografia afetiva feita pelo autor em 27 de Outubro de 2019, a partir da descrição de Marie Bari sobre a região onde ela morava dentro do quarteirão judaico. / 3. Cartografia afetiva feita por Salim Belaciano em 5 de Março de 2021. / 4. Cartografia afetiva feita por Henri Mann em 2 de Março de 2021. / 5. Plano de demolições feito no pós-guerra pela empresa Solidere. Retirado de: <https://bidayatmag.com/node/770>.

**Página 42:** De cima para baixo; 1. Sinagoga Maghen Abraham em 1930. *A. Scavo & Sons-Alinari Archives*. Retirada da Página do Facebook do *Beirut Heritage* <https://www.facebook.com/BeirutHeritage/photos/a.1505891959714535/2029083557395370/>. / 2. Retirado de: <http://archive.diarna.org/site/detail/public/7/>.

**Página 43:** De cima para baixo; 1. Sinagoga Maghen Abraham em 1982. Retirado de: <http://archive.diarna.org/site/detail/public/7/>. / 2. Sinagoga atualmente. Retirado de: <https://br.pinterest.com/pin/261771797079934673/>.

**Página 44:** 1. Retirado de: <https://www.aljazeera.com/gallery/2010/12/15/return-to-the-valley-of-jews-18/>. / 2. Retirado do vídeo: <https://youtu.be/MHnUHdz1OQ4>. / 3. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157863737460875&set=pcb.10157863741675875>. / 4. Retirado de: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157863737620875&set=pcb.10157863741675875>. / 5. Retirado de: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157863737620875&set=pcb.10157863741675875>. / 6. Retirado de: <https://lebanonuntravelled.com/maghen-abraham-synagogue-beirut/>.

**Página 46:** De cima para baixo; 1. Inauguração da sinagoga Maghen Abraham em 25 de Agosto de 1926. Retirada da Página do Facebook do *Friends of the Saida Jewish Community*: <https://www.facebook.com/FriendsOfTheSaidaJewishCommunity/photos/a.180637812072614/196786913791037>. / 2. Página do Facebook do *Patrimoine et Culture du Judaïsme*. Retirada de: [www.facebook.com/AttyasseEmmanuel/photos/pcb.3990037234437555/3990036691104276/](https://www.facebook.com/AttyasseEmmanuel/photos/pcb.3990037234437555/3990036691104276/).

**Página 47:** De cima para baixo; 1. Página do Facebook do *Lebanese Jewish Community Council*. Retirada de: <https://www.facebook.com/BeirutSynagogue/photos/a.126088951024/10156766409771025/>. / 2. Página do Facebook do *Lebanese Jewish Community Council*. Retirada de: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157863737665875&set=pcb.10157863741675875>.

**Página 49:** 1. Retirada de: [https://twitter.com/esp\\_soc/status/1382716587417960451](https://twitter.com/esp_soc/status/1382716587417960451). / 2. Retirada de: <https://www.aljazeera.com/gallery/2010/12/15/return-to-the-valley-of-jews-18/>. / 3. Página do Facebook do *Lebanese Jewish Community Council*. Retirada de: <https://www.facebook.com/BeirutSynagogue/photos/462490796024>.

**Página 51:** Acervo pessoal.

**Página 52:** De cima para baixo; 1. Sinagoga Maghen Abraham em 1982. Retirado de: <http://archive.diarna.org/site/detail/public/7/>. / 2. Edifício no entorno do quarteirão judaico. Retirado de: <https://www.aljazeera.com/gallery/2010/12/15/return-to-the-valley-of-jews-18/>.

**Página 54:** De cima para baixo; 1. Propaganda de um novo edifício de luxo no local onde ficava o quarteirão judaico. Retirado de: <https://www.aljazeera.com/gallery/2010/12/15/return-to-the-valley-of-jews-18/>. / 2. Foto atual da região, com edifícios novos e de alto padrão social. Retirado de: <https://www.facebook.com/BeirutSynagogue/photos/10155714018481025>.

**Páginas 58 e 59:** Detalhe da pintura interna da sinagoga. Joseph EID / AFP. Retirado de: <https://www.buzzfeednews.com/article/hannahjewell/after-lying-in-ruins-for-40-years-lebanons-only-synagogue-ha>

*SETEMBRO 2021 – [jluis@gmail.com](mailto:jluis@gmail.com)*



